

Resenha de *Meu corpo ainda quente*, de Sheyla Smanioto

SMANIOTO, Sheyla. *Meu corpo ainda quente*. São Paulo: Editora Nós, 2020. 122 p.

Ester Naiá Ferreira Melo

O livro *Meu corpo ainda quente*, lançado em 2020, pela editora Nós, é o segundo romance de Sheyla Smanioto, que, com seu primeiro romance, *Desesterro*, conquistou o Prêmio Sesc de Literatura e o Prêmio Machado de Assis da Biblioteca Nacional. Ao lermos *Meu corpo ainda quente*, podemos perceber elementos que dialogam com as discussões contemporâneas, especialmente atreladas ao corpo feminino, a partir das quais emergem problematizações sociais, presentes na obra, e manifestações das relações de poder e das construções impostas a mulheres e a seus corpos.

Em seus aspectos formais, o romance pode ser descrito como uma prosa poética, uma vez que o texto se estrutura a partir de um olhar lírico e metafórico sobre os questionamentos presentes na narrativa, caracterizada pela falta de linearidade temporal e espacial, conforme o exemplo:

Como é que você ia saber, Mãe? Que um dia antes
o Pai tinha me contado
a história, como se eu fosse seu filho
ele sem nem saber me disse
com todas as letras
o que é uma mulher, pra que
serve, como assar
e comer (SMANIOTO, 2020, p. 19).

Como podemos perceber, a escrita da narrativa se constitui de versos, mesclados constantemente com a prosa, comum e linear. A isso se soma a rememoração constante do passado e sua mescla com os pensamentos presentes da personagem, que envolvem, como revela o fragmento acima, relações de poder, associadas principalmente aos aspectos físicos, sociais, políticos e psicológicos, presentes na obra.

No romance, a narradora principal, Jô, foi por anos travestida como figura masculina de João, visando se proteger do Pai, bem como de toda a sociedade. Quanto aos personagens, o romance apresenta a Mãe, chamada Antônia, mas sempre referenciada como Mãe, enfatizando o M maiúsculo e a posição da personagem na obra, enquanto subalterna, pois “O corpo era um homem esperando a Mãe servir, as pernas enfiadas na terra, o jeito de alguém pra quem a gente deve dinheiro” (SMANIOTO, 2020, p. 8). Em

contraste com a imagem da Mãe, a tia Hilda aparece como uma personagem insurgente, que critica a vida que levam, a exemplo da passagem em que questiona a Mãe afirmando que “eles batem na mentira, mas é a gente que apanha, a gente, Antônia, você quer que sua filha morra em silêncio?” (SMANIOTO, 2020, p. 37). O Pai, igualmente grafado com P maiúsculo, representa a figura paterna tanto quanto a figura concreta do poder patriarcal e da dominação masculina, entre outras personagens, como o parceiro amoroso de Jô, Fran, e as mencionadas ao longo da narrativa, como a Vó e a Bisavó, cujas narrativas são resgatadas como partes da construção do enredo:

Eu tenho medo
de amar
como a Bisavó
como a Vó
como a Mãe (SMANIOTO, 2020, p. 47).

O título do romance, assim como a sua capa, revela parte do que encontraremos na narrativa. Seja pelos discursos acerca do corpo feminino, seja pelo pulsar de vida do corpo, apesar da dominação que o envolve. Pulsar de vida que se revela, de certa forma, nas páginas do livro, manchadas de tinta vermelha, cor que simboliza paixão, ira, raiva, desejo, amor, violência e poder, e rememora os aspectos corporais de vida, morte, calor e menstruação.

Ainda quanto aos seus aspectos editoriais, o livro apresenta 115 páginas, divididas em dez capítulos, divididos, por sua vez, por meio das seguintes expressões, que revelam aspectos importantes para os capítulos que intitulam: “Chá de quintal”; “Corpo desaparecido no meio da rua”; “Os nomes que os homens dão pro meu prazer”; “Debaixo de outro corpo”; “Cartas de amor para homens violentos”; “Coração partido em um”; “Mulher do fim”; “A menina que foi morar em um canto do próprio corpo”; “Mais uma carta de amor”; e “Mulheres possuídas”. Assim, as expressões parecem antecipar algum aspecto do capítulo, algo como uma conclusão sucinta da narrativa, a exemplo do capítulo “mulheres possuídas” que encerra a obra com o seguinte enunciado: “eu sou o demônio que possui meu próprio corpo” (SMANIOTO, 2020, p. 115). O romance, evidentemente, aborda a reapropriação feminina de si mesma.

Figura 1 – Capa de *Meu corpo ainda quente*



Fonte: Smanioto (2020)

Os conflitos existentes na obra partem da ideia de que as mulheres não têm o seu próprio corpo e de que, por isso, precisam constantemente esconder seus corpos. Assim, desde cedo, a Mãe ensina Jô a ter medo de ser mulher, a aprender a se dobrar como puder, conforme lemos em “nos olhos desaparecidos de uma mulher / tudo o que ela poderia ser, como elas conseguem? Dobrar e dobrar e dobrar e não desaparecer?” (SMANIOTO, 2020, p. 24). Afinal, para a Mãe, o corpo feminino é um animal selvagem e perigoso que a sociedade teme e tenta constantemente dominar.

Ao longo da narrativa, tal ensino dado a Jô pela Mãe se revela uma reprodução dos ensinamentos que a avó repassou para a Mãe, demonstrando que o ato de se esconder e se diminuir constitui uma estratégia de sobrevivência de gerações de mulheres. Assim, os ensinamentos herdados são consequências do sistema social que estrutura a narrativa, o qual não apenas busca controlar o corpo, mas a voz das mulheres, considerada tão perigosa quanto o seu corpo. A narrativa se relaciona, assim, com as discussões acerca da dominação masculina, pois percebemos a necessidade de a mulher esconder a si mesma, uma vez que, na sociedade patriarcal, “as mulheres são treinadas para sentir culpa. Ainda que não haja razões aparentes para se culpabilizarem, culpabilizam-se, pois, vivem numa civilização da culpa” (SAFIOTTI, 2004, p. 23). Podemos, portanto, seguindo Safiotti (2004), relacionar a narrativa com a sociabilidade das mulheres na sociedade patriarcal, em que são ensinadas, desde pequenas, a sentirem culpa.

Os temas desenvolvidos em *Meu corpo ainda quente* guardam relações com o primeiro romance da autora, *Desesterro*, lançado em 2015. Podemos notar similaridades

entre as obras, primeiro, diante da dominação patriarcal que cerca suas personagens em ambientações interioranas e, segundo, a partir da ideia de que migrar para outro lugar pode libertar as personagens dos horrores vividos em suas regiões. Entretanto, apesar de migrarem, medos e memórias acompanham as mulheres, que partem com pedaços de outras mulheres em si mesmas e que permanecem sendo dominadas socialmente. A diferença entre os dois romances está em que, no segundo romance, um outro aspecto central se mistura ao tema da dominação do corpo: o amor. Tal fusão parece ser a principal geradora da estrutura da narrativa, escrita em prosa poética: “Não era do amor que eu tinha medo. [...] eu tinha medo de escrever cartas de amor pra pessoa errada e morrer e deixar as cartas” (SMANIOTO, 2020, p. 44).

Além disso, há um fator importante na contraposição entre Fran e Jô. Tais personagens representam, na narrativa, a dominação política dos corpos por meio de um paralelo com a ditadura militar brasileira, visto que aquela personagem permanece em uma constante busca pelo pai que desapareceu durante a ditadura, visando a encontrar suas partes por meio da rememoração, enquanto esta pretende esquecer o que aconteceu com a Mãe. Jô, no entanto, não consegue esquecer a Mãe e os momentos que viveu em Vermelha durante a ditadura militar, aspecto que a encaminha sempre de volta ao seu local de origem.

Portanto, podemos compreender que em toda a narrativa de Sheyla Smaniotto temos como fator constituinte as relações de poder, enquanto aquilo que “faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 2015, p. 45). Podemos perceber tal poder na afirmação de que “Mulher nenhuma tem o corpo só pra ela, não é o fim do mundo, só o mundo mesmo, filha” (SMANIOTO, 2020, p. 76), de maneira que a narrativa se torna um retrato de como são reproduzidas as dominações engendradas socialmente, a exemplo do patriarcado, cujas relações de poder são dispostas, na narrativa, com normalidade, naturalidade, sendo socialmente aceitas e discursivamente reproduzidas por aquelas que são oprimidas pelo mesmo poder. Assim, ao final do livro, nos angustiamos diante das reflexões acerca da conjuntura social e das estruturas de poder que nos envolvem.

Referências

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SMANIOTO, Sheyla. *Meu corpo ainda quente*. São Paulo: Editora Nós, 2020.

Recebido em 6 de fevereiro de 2023

Aprovado em 10 de abril de 2023